



Fundado no
Sesquicentenário da Batalha
do Seival

O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO
GRANDE DO SUL
- BRASIL 500 ANOS -

Ano 2000

Nº 02



Cel João Cezimbra Jacques – Patrono do Tradicionalismo Gaúcho

HOMENAGEM A JOÃO CEZIMBRA JACQUES, PATRONO DO TRADICIONALISMO GAÚCHO E EX-PROFESSOR DO VELHO CASARÃO DA VÁRZEA (CMPA), REALIZADA NO COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE EM 27 DE MAIO DE 1999.

O HOMEM JOÃO CEZIMBRA JACQUES

Segundo seu biógrafo – o Coronel PM, historiador e membro do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul – Hélio Moro Mariante, JOÃO CEZIMBRA JACQUES teve sua vida terrena assinalada por um signo dúplice – o do infortúnio e o do pioneirismo – um e outro com extraordinária influência em sua vida.

Abriu os olhos para o mundo na rua do Acampamento, em Santa Maria, no dia 13 de novembro de 1849. Seu pai, moço ainda, expirou no Paraguai a serviço da Pátria, onde também se encontrava nosso biografado que, contando apenas 18 anos de idade, prestava serviços de guerra, engajado no 2º Regimento de Cavalaria.

Sua mãe, esposa e filhos faleceram muito jovens, vítimas da tuberculose que dizimou toda sua família, vindo ele próprio sucumbir aos 73 anos de idade, do mesmo mal.

Juntamente com seus dois irmãos, Cezimbra Jacques foi criado pelos avós paternos.

Esse permanente e angustiante estado emocional influenciou, como não poderia deixar de ser, em sua idiosincrasia, pois que o acompanhou do berço ao túmulo como um ferrete a amargar-lhe a existência.

De estatura mediana, cabelos lisos, maçãs do rosto salientes. Grandes orelhas, olhos levemente amendoados, fronte ampla e bastos bigodes, era bem o tipo representativo do gaúcho da campanha.

“Indiático, pouca barba, a sua fisionomia tinha traços do silvícola nacional. Talvez mesmo, o sangue desses antepassados corresse nas suas veias”, segundo precioso depoimento de seu íntimo amigo, Dr. Sinval Saldanha, que acrescentou: “Original, excêntrico, respeitável por todos os títulos, gozava de alta consideração no meio social.”

O Dr. Mário Kroeff, amigo pessoal de Cezimbra Jacques, em seus livros “Imagens do Meu Rio Grande” e “O Gaúcho no Panorama Brasileiro”, relata com pormenores, a tragédia que se abateu sobre a família de Cezimbra, culminando por acompanhar ele próprio os restos mortais de seus filhos e de seu pai até a última morada. Encarregado do enterro pelo próprio Cezimbra, desincumbiu-se dolorosamente do encargo.

Outro depoimento valioso, de autoria do também seu amigo Dr. Sinval Saldanha, diz: “Mais de uma vez visitei-o em sua residência na Avenida Mem de Sá, no Rio. Eu ia em companhia do Oswaldo e do Mário Kroeff, seus bons amigos aqui do Sul. Na parede do quarto, penduradas, se viam fotografias de dois moços e duas blusas de militar. Eram dos entes queridos levados pela morte. Uma ou duas vezes por semana renovavam-se as flores que enfeitavam aquele quarto.

E o velho pai, reverente, saudoso e positivista, se encurvava todos os dias ante aqueles objetos pertencentes aos caros filhos desaparecidos.

Em dado momento de nossa palestra, naturalmente sobre assuntos do Rio Grande do Sul, Cezimbra Jacques abriu uma gaveta e dela tirou um saquinho. Aberto, vimos que tinha terra. Sim, era terra do Rio Grande do Sul que o venerando cidadão conservava para lhe servir de travesseiro em seu caixão mortuário. Emocionado, disse que ia morrer distante de seu torrão natal, pois não queria afastar-se para longe da sepultura dos filhos, no Rio. E assim sendo, suplicava aos três amigos presentes, que levassem um dia as suas cinzas para os pagos sulinos.

Lamentavelmente não foi cumprida sua última vontade. Oswaldo e eu morávamos em Porto Alegre; Mário, no Rio de Janeiro, viajou à Europa por longo tempo. Deixamos assim, passar o prazo do arrendamento do túmulo do intrépido gaúcho”.

No entanto, durante o 32º Congresso Tradicionalista Gaúcho, em Capão da Canoa, uma tradicionalista pediu ao presidente do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, Cel Cláudio Moreira Bento, para localizar os restos mortais de Cezimbra Jacques, e o Instituto então foi a

campo. Através das pesquisas realizadas no Hospital Central do Exército, onde ele faleceu em 28 julho 1922, na Santa Casa – que administra os cemitérios, na Biblioteca Nacional e no jornal A Noite – que registrou seu falecimento, chegou-se à conclusão que seu óbito foi lavrado sob o número 242, tendo sido seus restos mortais trasladados para Porto Alegre em 3 agosto 1927, com a guia de nº 406. Todavia, ainda não se descobriu quem o levou e para onde.

O MILITAR JOÃO CEZIMBRA JACQUES

Sua vida militar pode ser assim resumida: em 1867, contando apenas 18 anos de idade e à revelia de seus avós, por quem estava sendo criado, alistou-se no 2º Regimento de Cavalaria, que passou a integrar o 3º Corpo do Exército Brasileiro que operou no Paraguai.

Finda a guerra, retornou à Pátria como 2º Cadete do 4º Regimento de Cavalaria, tendo sido condecorado com medalhas conferidas pelos governos do Brasil, Argentina e Uruguai. Logo após seu regresso, verifica praça no dia 1º outubro de 1870, ingressando, como filho de militar, diretamente na Escola Militar. Gaúcho até a medula dos ossos, preferiu a Arma de Cavalaria, concluindo o respectivo curso no ano de 1874.

Foi elevado a Alferes em 1875, a Tenente em 1884 e a Capitão em 1891. Em 1895 comandava o 3º Esquadrão do 3º Regimento de Cavalaria. Foi instrutor da Escola Preparatória de Rio Pardo e do Curso D'Armas da Escola Militar do Rio Grande do Sul em Porto Alegre.

A compulsória atingiu o Capitão Cezimbra Jacques em 1901, quando então foi transferido para a reserva do Exército no posto de Major. Posteriormente, em 1922, segundo pesquisas do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, foi promovido *post mortem* ao posto de Tenente-Coronel.

Mestre, desenvolveu atividades, desde o tempo do Império, na Escola Tática e Preparatória de Rio Pardo, grande celeiro de Oficiais Superiores do nosso Exército, e na Escola Militar do Rio Grande do Sul, também famosa pelo número de Oficiais ilustres que passaram pelos seus bancos. De um dinamismo incomum, era muito acatado, quer no meio civil, quer no militar, sendo muito estimado por alunos e considerado por seus pares.

Foi instrutor militar do Instituto de Ensino da Escola de Engenharia, hoje Colégio Estadual Júlio de Castilhos.

A OBRA DE JOÃO CEZIMBRA JACQUES

Seu pioneirismo nos é revelado por diversas iniciativas: como escritor versou sobre assuntos até então pouco explorados ou inéditos em nossas letras; por sua inspiração e trabalho de proselitismo foi criado o Grêmio Gaúcho, núcleo primeiro no culto sistematizado das tradições sul-riograndenses; fez parte dos primeiros adeptos do positivismo em nosso Estado; foi um dos primeiros gaúchos a escrever sobre o problema social; falava o francês, o guarani e o caingangue, e gozava de prodigiosa memória.

Sua participação na vida pública, social e intelectual do seu Estado foi profícua e plena de serviços prestados. Dotado de profundo espírito cívico-patriótico, suas atenções encontravam-se permanentemente voltadas para as origens e fatos de sua terra e usos e costumes do homem nela integrado.

Escritor, conferencista, indigenista, professor e instrutor, possuía o poder da persuasão. Com facilidade atraía amigos e sua palavra, simples mas incisiva, conquistava adeptos para os seus ideais. Cidadão integrado na política, foi um dos fundadores do Partido Republicano no RS (1880).

Já na reserva do Exército, teve ativa participação nas lições partidárias. Frequentemente proferia palestras e conferências versando sobre assuntos políticos; escreveu dois pequenos ensaios: "O Parlamentarismo e o Presidencialismo" e "O Presidencialismo Puro", ambos em 1918.

Integrou o elenco de intelectuais gaúchos que fundou a Academia de Letras do RS, onde ocupou a cadeira de Crítica e História. É o patrono da cadeira nº 19 da atual Academia Riograndense de Letras.

Discípulo convicto de Augusto Comte, revela seus ideais positivistas em vários ensaios sobre política e assuntos locais, todos embasados no Sistema Político Positivo. Seguindo seu destino de antecipar fatos e idéias, Cezimbra Jacques publicou, também em 1918, um pequeno ensaio sob o título “A Proteção ao Operariado na República”, tema pouco explorado e quase tabu à época.

Indigenista, falava muito bem o Guarani e possuía bons conhecimentos do Caingangue, o que lhe permitia dialogar com representantes dessas tribos. Era uma espécie de cônsul dos aborígenes semi-civilizados então existentes no RS. Recebia-os em sua residência na Várzea (atual Avenida João Pessoa, em Porto Alegre), onde por vezes eram alojados. Encaminhava-os aos poderes competentes, apadrinhando suas reivindicações.

Além de considerações a respeito da vida, usos e costumes dos indígenas sul-riograndenses, registrados em seu “Ensaio Sobre os Costumes do Rio Grande do Sul” (1883) e em “Assuntos do Rio Grande do Sul” (1911), escreveu uma pequena monografia intitulada “Frases e Vocábulo de Aba Neenga Guarani e Notas Sobre os Silvícolas”.

Estas duas obras tratam de história, geografia, usos e costumes das gentes da raia meridional patrícia, de alto interesse para antropólogos, folcloristas e estudiosos em geral. Variada é a matéria apresentada: música, poesia, danças populares, credices e superstições, aspectos lúdicos, culinária, indumentária, pelagens bovina e eqüina, lendas em sua pureza primitiva, colhidas diretamente da boca do povo, e outros aspectos da vida do homem do campo que faz da faina pastoril o motivo e a razão de ser da sua existência.

Registra ainda um pequeno vocabulário; dá-nos uma sintética notícia da nossa antologia literária e inclui valioso estudo etnográfico referente aos indígenas instalados no RS.

Um estudo sério da formação do homem no pampa sul-brasileiro não pode prescindir de consultar a obra de Cezimbra Jacques. É mais um mestre, um pesquisador e divulgador que um escritor. Sua aspiração era ser útil, e o foi.

Apaixonado por seu pago, orgulhoso da história, admirador da geografia e profundo conhecedor dos costumes sul-riograndenses, por ele recolhidos, analisados e, principalmente, vividos, passou a publicar os resultados das suas rememorações, observações e pesquisas em periódicos. Posteriormente, atendendo a solicitações de amigos e admiradores dos seus trabalhos de coleta e divulgação, enfeixou-os nos dois referidos volumes.

O GAÚCHO JOÃO CEZIMBRA JACQUES

Entusiasta e excelente tocador de viola, era grande conhecedor das danças antigas, cujas características – coreografia, música e letra – recolheu nas suas andanças pelos pagos.

Foi um grande ginete e exímio domador. Anacleto Torres, relata que João Cezimbra Jacques costumava passar temporadas nas estâncias de parentes e amigos, participando, com invulgar entusiasmo, de todas as práticas campeiras, nas quais se revelava um verdadeiro mestre, informando-nos ainda que “usava estribos de cônica aspa de touro brasino e botas de meio pé, feitas de garrão de bagual tordilho-negro”.

Conseguiu ver colimado seu anelo de criar no Rio Grande do Sul entidades de cunho nativista onde, segundo suas próprias palavras, se pudesse “cultivar os usos salutareos do passado, já nos outros ramos de atividades de um povo, já nos jogos e diversões, de modo a poder-se reproduzir esses quadros da vida dos nossos Maiores nas comemorações dos grandes acontecimentos do passado...”.

Auxiliado por um grupo de dedicados patriotas, civis e militares, e entre estes, colegas e alunos da então Escola Militar, fundou o Grêmio Gaúcho na cidade de Porto Alegre, no dia 22 de maio de 1898. No seu próprio dizer, foi ele o “primeiro iniciador de sociedades dessa ordem no Rio Grande do Sul” com a fundação do Grêmio Gaúcho. Por este motivo foi agraciado com o honroso título de Patrono do Tradicionalismo Gaúcho, resolução tomada no 6º Congresso Tradicionalista Gaúcho efetivado na cidade de Cachoeira do Sul e patrocinada pelos ilustres Carlos Galvão Krebs e Antônio Augusto Fagundes, então presidente e diretor administrativo, respectivamente, do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore.

Ao homenageá-lo nesta data solene, ano do sesquicentenário de seu nascimento e centésimo primeiro da fundação do Grêmio Gaúcho, o fazemos com especial deferência.

Ao insigne mestre deste Velho Casarão da Várzea, Tenente-Coronel João Cezimbra Jacques, o Colégio Militar de Porto Alegre e o Exército Brasileiro curvam-se num preito de honra, respeito e admiração. Ao mesmo tempo, o CTG Potreiro da Várzea, captando e exprimindo o sentimento dos gaúchos de todas as querências, ergue os olhos para o firmamento e, com a voz embargada pela emoção, grita em alto e bom tom: "Obrigado, tchê Cezimbra!"

- **Texto preparado pelo Cel Leonardo Araújo, baseado na obra bibliográfica realizada pelo Cel PM Hélio Moro Mariante e em estudos do Cel Cláudio Moreira Bento.**

HISTORIADORES DE COMUNIDADES GAÚCHAS - Cláudio Moreira Bento (*)

O jornal **Zero Hora**, em reportagem especial num Dia do Escritor sob o título "Escritores em nome do Prazer" e assinada por Thiago Coppetti, destacou os seguintes historiadores dedicados ao resgate das histórias de seus municípios: **Santa Cruz**: Mauro Klafke; **Bento Gonçalves**: Itacyr Giacomello; **Estrela**: José Alfredo Schieshoet; **Pelotas**: Mário Osório Guimarães; **Cruz Alta**: Jurandir Zamberlam; **Passo Fundo**: Wilmar Nascimento; **Bagé**: Cláudio Lieminsk; **São Leopoldo**: Germano Moelecke; **Santo astón**: Mario Simon; **Encantado, Muçum, Rondinha, Roca Sales**: Gino Ferri e **Santana do Livramento**: Arlindo Coutinho. Mas nenhum vinculado ao Instituto de História e Tradições (IHTRGS) que há 14 anos atua no Rio Grande do Sul. O autor do artigo menciona com justiça: "são escritores que assumem no interior do estado a tarefa de registrar em livros a História de seus municípios e das regiões a que pertencem". Escritores que dedicam parte de suas vidas as pesquisas. Trabalho que não dá retorno econômico, mas seu destino é nobre. Os livros nas prateleiras de bibliotecas públicas municipais, educando gerações de estudantes. Esses historiadores municipais desenvolvem trabalho único. São essenciais para resgatar a memória de suas aldeias. Ao mesmo tempo contam fragmentos da História de Estado, elogia Paulo Flávio Ledur, presidente da Câmara Riograndense de livros".

Concordamos com Thiago Coppetti e Paulo Flávio Ledur, mas sentimo-nos no dever de aqui apontar escritores municipais integrantes do Instituto de História e Tradições (IHTRGS), que fundamos em 10Set1986, em Pelotas, no sesquicentenário de Combate de Seival, e outros escritores de nosso conhecimento, cujas obras reunimos, entre outros autores do gênero, na Biblioteca do IHTRGS.

Uruguiana-Raul Pont com **Campos Realengos** e Carlos Fonttes com **Uruguiana aqui te Canto**; **Santana do Livramento**-Ivo Caggiani: **Santana 150 anos**; **D. Pedrito**-Nelson Oliva, com **Dom Pedrito e a Paz Farroupilha**; **Santa Vitória do Palmar**-Péricles Azambuja com **Terras e mares do Chuí**, com nosso prefácio; **Alegrete**-Miguel Jacques Trindade com **Alegrete**; **Rosário do Sul**-Jorge Telles, com **Uma Batalha e Três Combates**; **São Gabriel e Vila Nova do Sul**-Osório Santana Figueiredo com **São Gabriel desde o Princípio, Marco de Ferro** e outras; **Caçapava do Sul**-Arnaldo Cassol e Abrão Nicolau, **Histórias de Caçapava**; **Lavras**-Edilberto Teixeira com **História de Lavras**; **Canguçu**-sobre o qual produzimos **Canguçu reencontro com a História, Canguçu 200 anos**; **Pelotas**-Ângelo Pires Moreira com **A Tarca do Tempo**, Heloisa Assunção Nascimento, com **Nossa Cidade era Assim**, José Vieira Echeveny com **Coleção Caderno de Pelotas**, Flávio Azambuja Kremer com **Indústrias e templos de Pelotas**; **São Borja**-Aparício Silva Rillo e Fernando M. O'Donnel com **Populário São Borgense** e outros trabalhos. **Santa Maria**-José Luiz Silveira e Mário Menezes, com várias colaborações à História local e em especial a militar; **Encruzilhada do Sul**-Humberto Castro Fossa, com **História de Encruzilhada** (Crônica na Imprensa); **São Leopoldo**-Thelmo Lauro Muller, com **Colônia Alemã**; **Rio Grande**-Daoiz La Roche, com contribuições na imprensa e no jornal SOAMAR; **Rio Pardo**-Dante de Laytano, com **História de Rio Pardo** e Marina Quadros Resende com **Rio Pardo**; **Santana da Boa Vista**-José Francisco Teixeira, com **Santana da Boa Vista**; **Nonoai**-José Vera Sperry, com **Raízes e Retalhos de Nonoai**; **Cambará do Sul**-Arautos Corujistas, com **Cambará do Sul**; **Torres**-Dante de Laytano com **Torres**; **Passo Fundo**-Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, com **Gaúcho Serrano Tropeiro de Mulas** com grande projeção regional, o mesmo se dizendo em Porto

Alegre da obra histórica, tradicionalista e folclórica de Hélio Moro Mariante. Fora dos quadros do IHTRGS registramos em **Bagé**-Tarcísio Taborda com variada obra de suporte à história local e incentivador dos encontros de microhistoriadores do Rio Grande do Sul com o concurso de Astrogildo Fernandes. Este vem colecionando e divulgando todas as obras sobre municípios gaúchos e de escritores gaúchos que escrevem por amor ao Rio Grande e as suas querências. Ainda em **Bagé**, Eurico Salis com *História de Bagé*; **Herval do Sul**-Manoel da Costa Medeiros com *História do Herval*; **Jaguarão**-Sérgio da Costa Franco, com *Origens de Jaguarão 1790/1833*; **Piratini**-Davi de Almeida, com *História do Município de Piratini*, e também colaboramos com *Piratini: Símbolo Sagrado Gaúcho Farrapo*; **Cachoeira do Sul** – Ângela Shuc e Ione Maria Carlos, com *Cachoeira em Busca de sua História*; **Rio Pardo**-De Paranhos Antunes, com *História de Rio Pardo*; **Tapes, Camaquã, Guaíba e Barra do Ribeiro**-Luís Alberto Cibils, com história desses locais; **Pelotas**-Fernando Luis Osório, com *A Cidade de Pelotas* e de Edgar Curvêllo, com *Pelotas: Retomando a História*; **Triunfo**-Fernando Castro Freitas, com *Triunfo*; **Marcelino Ramos**-Lauro Nelson F. Thomé, com *Marcelino Ramos – Histórico*; **Santa Vitória do Palmar**-Anselmo Amaral, com *Os Campos Neutrais*; **Júlio de Castilhos**-Firmino Costa, com *História do Município de Júlio de Castilhos*; **Santo Antônio da Patrulha**-Rubens Neis; **Porto Alegre**-Walter Spalding, com *Pequena História de Porto Alegre*, Gastón Mazon, com *Reminiscências de Porto Alegre*, Clóvis Silveira de Oliveira, com *Porto Alegre – a Cidade e sua Formação*, Achyles Porto Alegre, com *História Popular de Porto Alegre*, Sérgio da Costa Franco, com *Guia Histórico das Ruas de Porto Alegre e Porto Alegre História do seu Comércio*. Colaboramos com o tema com *Porto Alegre – Memória dos Sítios Farrapos e da Administração de Caxias* com a *História da 3ª Região Militar* em 3v. De **Jaguarão** não pode ser olvidado Pedro Leite Vilas Boas, autor de excelentes instrumentos de trabalho do historiador gaúcho, onde ressalta o muito útil *Dicionário Bibliográfico Gaúcho*.

Esta é, a vôo de pássaro, uma amostragem mais ampla e portanto mais justa na voz da História, que a de **Zero Hora**, sobre os escritores comunitários que trabalham sem apoio, inclusive das mídias, de onde foram afastados há muito. Justiça se faça ao **Jornal Tradição**, órgão de divulgação dos MTG, IHTRGS e da CBTG. É assunto a ser meditado pela mídia gaúcha e pelas autoridades do Executivo e Legislativo, em todos os níveis no Estado, pois possuem o dever e o poder constitucional de alterar este quadro tão intimamente ligado à formação da consciência, da identidade e da perspectiva histórica das comunidades que formam o Rio Grande do Sul, para que ele continue a ser festejado como “Rio Grande, querência amada, recanto das suas tradições”, e não das de outras nações, mantendo assim a identidade e a perspectiva histórica de seus conterrâneos, além de alertar a consciência de que o homem é eterno enquanto a sua obra for lembrada.

* *Presidente do Instituto de História e Tradições do RGS*

O Cel FLÁVIO MABILDE PARTE PARA A ESTÂNCIA DO INFINITO

O Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS), cumpre o doloroso dever de registrar o falecimento de seu membro, Coronel FLÁVIO JOSÉ CORRÊA MABILDE, ocorrido em 25 de julho próximo passado. O Cel MABILDE nasceu em Porto Alegre a 04 de maio de 1940. Formado em Odontologia pela PUCRS, ingressou na carreira militar, tendo servido nas seguintes unidades militares: 13º Grupo de Artilharia de Campanha (Cachoeira do Sul), 16º GAC (São Leopoldo), Pelotão de Fronteira de Palmeira do Alto Javari (AM), Hospital de Guarnição de Tabatinga (AM), Comando da 3ª RM, 3º Btl de Comunicações de Exército e Colégio Militar, todas estas três últimas sediadas em P. Alegre. Formado também em História pelas Faculdades Porto-Alegrense (FAPA), foi, por muitos anos, professor da matéria no Colégio Militar (CMPA), além de escritor, poeta, declamador, tradicionalista e nativista. Possuía, ainda, outros cursos de especialização odontológica, realizados, inclusive, no exterior. O Cel MABILDE deixa esposa, dona Helena Aparecida Mahlmann Mabilde e quatro filhos. O Patrono da cadeira deixada vaga pelo falecido no IHTRGS é o historiador Cel ARTHUR FERREIRA FILHO. Enlutado pelo seu passamento, o IHTRGS rende sua homenagem ao brilhante historiador e tradicionalista, pelo excelente trabalho que deixou em proveito da História e das Tradições do Rio Grande do Sul.

CLÁUDIO MOREIRA BENTO – Presidente do IHTRGS

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Delegado da AHIMTB/IHTRGS/RS - lecaminha@gmail.com